

Vital Corrêa de Araújo

**VERÃO CORPO
DA MULHER**

ALMA DE ABISMOS, VÓRTICES DE ROSAS

Coleção Pernambuco

Recife - 2012

Olinda, Garanhuns - Aveiro no Pará - et Alhures

Coleção Pernambuco
Edições Papel Jornal

Direção Editorial:

Vital Corrêa de Araujo - E-mail: apenasvital@gmail.com
João Marques dos Santos - Email: joamarquescultura@yahoo.com.br
Fone: (87) 8107.4747

**Edição sob os auspícios da Academia de
Letras de Garanhuns e do jornal O Monitor**

Apoio Cultural



Catálogo de publicações

Bojos do Invisível
Folha de Mato
Punhado de Terra
Casca Secas
Hitória sem pé nem cabeça (contos)
A Carta (filosofia)
Cacos do Chão
13 Poemas
+ 13 Poemas
No prelo: 2ª Edição de A Carta
Poema é
Verão Corpo da Mulher

1. Verões furiosos

demônios invernos

súcubos incunábulo lascivos habitam
sexo da mulher percorrendo
como correntes de elétrons loucos
hélices rondando músicas de tumulto
corpo da mulher ataviado
de gozos estupendos, volúpias, amapolas
encarnando-se círios enluarados vivos
nas pétalas da alma da mulher
nos atraem ornatos vermelhos
e outonos gozosos além de aréolas
macias
aos seios da mulher nossas bocas
sitiadas por primaveras de orquídeas
e viris iluminações de amêndoa.

2. Moram no corpo e na alma da
mulher
fantasias indecentes, clamores azuis
e feras o corpo
o lábio chamas intransponíveis.

A devorar nossos impunes escuros
e gritantes trevas exilar das veias
basta aceno ou olhar vital de uma mulher

bálsamos e fúrias vivem do seu beijo
haustos de paz sucedem ao gozo.

Do riso lentos venenos
e sutis licores escapam.
Da voz emigram aves marinhas altas

do coração orações extáticas
aromas de criatura
fontes que Deus escondeu dos homens.

3. **TUDO SEDE**

Todo fervoroso inverno
ronda corpo tua concha (rósea)
mutilarei com alfanje macio do lábio
porque morro de tua sede
de teu louvor frio ao coração vivo
fruo de ti certeza da solidão
e da saliva do amanhecer hauro
teu fervor inteiro
livor de marfim e abeto
ganas de teu beijo e ágios
às finanças do ser beberei
porque tuas pétalas de palomas ganhei
e me alimento do lampejo
descuidado do teu olhar.

4. INCLINO-ME

Inclino-me
ao príncipe e à náusea
à saudade árida inclino-me
e ao mar sem comoção da vida

ao que melhor engendre o nada
ou a garça louvarei (e a o amém)

porque sal da vida é frágil
e sede vence prazer.

Porque amor é resto
do banquete que deuses abandonaram
lixo vertido como vômito
da mesada dos simpósios
(cuja toalha é mortalha do amor).

5. DEFINIÇÃO

Incerto ermo sou.
Páramo ferido.
Escavação azul.
Criatura sem retorno.
Advento morto.
Epifania oca.
E incrédulo.

De um incerto azul o halo último
de um aroma magoadado
a fímbria, o hálito
da certeza pura devassidão
sou.

6. DÉCIMA

Lentas águas, lençol freado
frenético brilho do sal alado
curso de silêncio e puma
estribilho de aroma perdido
cota de malha da alma esgarçada
frio do espírito em larvas
face do pássaro desfeita em puas
rima do corpo aberta e nua
pulsações da noite feridas de abandono
tapumes armados no corpo
verdades da dor na página estampadas.

7. TEMA AZUL E OCASO

Jazidas de súbito azul
às vésperas da rosa incerta
do amor escavei de teus olhos
amêndoas pardas
botim de abelhas
certezas do nada.

Quem senão tu
me flagrarias nu
absorto no vórtice
de um secreto desejo azul?

Olhar de falcoarias
coalhado de vertiginosa desilusão
perfil aguçado de um tigre de sal
na silva do silêncio sedento e largo
entre bênçãos vorazes imerso
em busca do último azul frágil rajado
para que não morra a messe da palavra.

8. TERCETO E SEDE

Em meio a jardim público enlouqueço
falo em riste róseo
sêmica flor da palavra arde soa.

Súbito azul intrincadas órbitas
do olhar enevoa
caudalosas rosas cambrianas colho
de tua boca indecente e pura
de tua sede indolente e nua bebo
o que restar de meus dias áridos
pétalas cristalizadas do instante
vórtices pétreos, assomos cegos
de luz vândala rejo
para que teu corpo
me eleve ao gozo (me enleve a carne).

9. DÉCIMA II

Marés de flores náufragas
sobem como cascatas de anjos pudicos

das jazidas de peixes dos teus olhos
trago aguçada verdade do amor

ofereço-a contra
atribulação da dor

avermelho-a para que como hóstia
de saliva diga a meu lábio

o que a boca pede de palavra
porque o beijo faz do ser criatura
(ou do nojo verdade e candura).

**10. ERÓTICA VITAL
(SUMA SHELLA)**

Ébria espiral da concha rosa de carne
úmida beber todo
delírio tomar a boca (assalto de êxtase
dos dentes luzindo)
pele da saliva morder
até mamilo do céu mugir. (SEIOS)

Ao crepúsculo do (meu) falo canto
nascente (virente) e cor de rosa uivo vivo
da concha da mulher. (PELEJA IMORTAL)

Do tufo floresta azul e metálica
dos pentelhos coisa fofa
e mágica flanqueada
como beduíno a uma mesquita
de areia encher mão do fino cipoal
venerável
grasnando de gozo imersa toda boca no
vasto
(e salino) roséo horto húmus de mim
escorregando do rosado lábio tântrico
e túmido, para potes dos gozos regar

A mata silva e cavalcanti mel
amar com as mãos
matagais fremosos de brilhos crispados
onde matilha luxuriante de gazelas
leão devora

onde bátegas de afagos (úmidos) espera
mão em concha (digital, cinzenta, zen)
aberta como boceta faminta
abarcas para falanges de fino
e molhado delírio acolher
(dos pentelhos ávidos morrer).
PÚBICOS CABELOS

A vagar pela maciez umedecida
que dedos encanta
e faz vibrar mentes, corações, ossos
(toda a falange digital oleada de volúpia,
repito)
áspero cárneo monolito erguido (pau de
barraca)
acostumado a pedras e touros rósea
fenda úmida viva
descortinando entre floresta
de intrincados e negros pentelhos de
gozo. (VIDA)

11. “Fremosos outeiros cor de
lascívias
e rosas amantes sulcar
com graves mucosas (quase alados
prismas de volúpia e saliva)
e olhos de água incendiada de ânsia
beber
a comer favo (da secreta colmeia
doces secreções regozijando)
a sugar amantíssimo e úmido delírio
(do mel pudendo e impudente
rio de águas gementes a voragem louca)
em lúbrica corredeira desatada
da numinosa fenda carmim (e divina)
server como quem moles paraísos
bebesse
de um só trago de portentosa volúpia).
(CONA)

12. A poesia do real e da fantasia
mas real possível de ser escrita
com o hábil cinzel da alma em riste
e em toda sua potência viva
de expressar o íntimo e publicá-lo.

Poesia feita de folhas de mato
de punhados de terra e barro
de orvalho e relva
poesia de cascas secas
bojos de fantasia
sacros âmbitos de musgo e verbo
lavoura de fogo e grito
poesia misturada com cacos do chão
amoldada na página como flor no jardim
plasmada pela altivez do espírito
poesia como materialização da
inteligência.

Centro Cultural Vital Corrêa de Araújo
Rua da Glória, 472. Boa Vista - Recife/Pe
(Próximo à esquina do Mercado da Boa
Vista.

